

Recebido em abr. 2013

Aprovado em jul. 2013

**AS CONSEQUÊNCIAS DE SONHOS DE UM VISIONÁRIO PARA
A CONCEPÇÃO KANTIANA DA METAFÍSICA: O PROBLEMA DO
ESPÍRITO E SUAS IMPLICAÇÕES NO PERÍODO PRÉ-CRÍTICO**

BRUNO LEONARDO CUNHA *

RESUMO

Este artigo tem como objetivo destacar a importância do texto *Sonhos de um Visionário explicados por Sonhos da Metafísica*, publicado em 1766, para o desenvolvimento da filosofia teórica de Kant e, particularmente, para sua concepção de metafísica. Através dos insolúveis problemas da psicologia racional, abordados no pequeno tratado, Kant percebeu definitivamente as inconsistências de suas noções iniciais de tempo, substâncias ativas e espíritos e, assim, a inviabilidade do sistema de metafísica que buscou desenvolver em seus trabalhos iniciais, compreendidos entre o período de 1746 e o final de 1750. A partir deste diagnóstico, observa-se a gradativa diminuição do otimismo de 1764, em relação à reconstrução da metafísica como ciência dedutiva. Com efeito, Kant é conduzido aos primeiros *insights* em direção à consciência da inviabilidade efetiva do conceito tradicional de metafísica e da necessidade de uma reforma em seu significado funcional. Com este movimento, alguns passos importantes serão delineados em direção ao seu pensamento maduro.

PALAVRAS-CHAVE

Metafísica. Psicologia racional. Kant. Desenvolvimento inicial.

* Professor do curso aberto de filosofia do SEMINÁRIO NOSSA SENHORA DAS DORES. Doutorando em Filosofia pela UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Este artigo é uma extensão de uma parte da pesquisa realizada na dissertação *Sobre a questão do espírito: Sonhos de um Visionário e suas contribuições para a ética crítica de Kant*. As pesquisas atuais concentram-se em torno do desenvolvimento e da gênese da ética kantiana.

ABSTRACT

The aim of this paper is to highlight the importance of *Dreams of a Spirit-seer elucidated by Dreams of Metaphysics* from 1766 for the development of Kant's theoretical philosophy and particularly to his conception of metaphysics. Insoluble problems related to rational psychology, presented in *Dreams*, definitely led Kant to realize the inconsistency of his early concepts of time, active substances and spirits and the impossibility of its early metaphysical system presented between 1746 and the end of 1750. This prospect led Kant to leave the optimism of 1764 in relation to the reconstruction of metaphysics as deductive science and ontology. Accordingly, emerge the first insights into the effective impossibility of the traditional concept of metaphysics and consciousness of the need for reform in their functional significance. Some important steps to be taken toward his mature thought from this.

KEYWORDS

Metaphysics. Rational psychology. Kant. Early development.

1. A INTERPRETAÇÃO DE SONHOS

A literatura secundária tem afirmado que o trabalho publicado por Kant, em 1766, intitulado *Sonhos de um Visionário*, é bastante estranho. A forma literária e a roupagem estilística que lhe foram conferidas destoam completamente da tradição da literatura filosófico-científica do século XVIII. Ademais, sem dúvida, ele se apresenta como o mais peculiar dentre todos os escritos que constituem o vasto *corpus* da filosofia kantiana. O estilo da redação que lhe compõe é complexo, rebuscado e diligente, mas, sobretudo, bem humorado, satírico, irônico e literário. Ao lançar mão desses artifícios, Kant obscureceu o significado e o caráter da obra e suscitou a dúvida em seus leitores, gerando uma grande dificuldade interpretativa que perpassa ainda os nossos dias. O estilo diferenciado de *Sonhos* tornou difícil determinar qual é o ponto principal do livro. Esta foi uma dificuldade apontada logo nas primeiras resenhas da obra feitas por Herder, Feder e Mendelssohn¹.

¹ Em sua resenha, Mendelssohn antecipa as dificuldades que os intérpretes modernos teriam com o *pequeno trabalho*. “O tom de piada, com o qual este pequeno trabalho é escrito, deixa o leitor algumas vezes na dúvida [...]” (MENDELSSOHN, 2002, p. 123). Provavelmente, Mendelssohn sentiu-se confuso com o tom irreverente do texto porque as sátiras e as críticas direcionavam-se à metafísica tal como era ilustrada em seu trabalho *Abhandlung über die Evidenz*. Também pelo fato de que Kant, anteriormente, havia defendido a psicologia racional e a construção de uma metodologia para a metafísica. Desse modo, a atitude cética de Kant parecia injustificada (SCHÖNFELD, 2000, p. 235).

Toda estranheza que envolve o escrito, todavia, não se refere, particularmente, à forma de seu estilo. Deve-se admitir que, além disso, a *atitude cética* e o *pretexto*, representado nas histórias fantásticas do *visionário* sueco *Emanuel Swedenborg*, são também as peças responsáveis pelas diversas dificuldades interpretativas que envolvem o texto. De fato, não é de tudo óbvio o que *Sonhos de um Visionário* significa. Talvez este seja o motivo pelo qual os comentadores, de maneira geral, tenham atribuído pouca importância para o texto pré-crítico, fadando-o à obscuridade.

O objetivo desse artigo é argumentar a favor da importância do pequeno tratado para o desenvolvimento intelectual kantiano, destacando a maneira com a qual, mediante o problema da psicologia racional, Kant promove o abandono de suas pretensões iniciais de estabelecer uma metafísica como base das ciências naturais. De um lado, buscaremos sublinhar, de acordo com as indicações do texto, a *inconsistência* das noções iniciais kantianas de *espaço*, *substâncias ativas* e *espíritos*. De outro, sublinharemos o abandono da atitude otimista que perpassa o *Ensaio Premiado* [*Preisschrift*] de 1764, relacionada à possibilidade de uma reconstrução da metafísica enquanto ciência dedutiva e *ontologia*.

2. A RELEVÂNCIA DO PROBLEMA DA PSICOLOGIA RACIONAL

No início dos anos de 1760, Kant encontrava-se imerso em dúvidas profundas consequentes do modo com o qual conduziu suas reflexões na década anterior. Na década de 50, com o objetivo de alcançar uma compreensão completa do mundo, o pensamento

kantiano empreendeu a tentativa de reconciliar o modelo newtoniano de investigação natural com os princípios racionalistas da filosofia de Leibniz-Wolff. Desde o início, Kant aceitou o conceito de atração gravitacional de Newton como o princípio fundamental para a explicação dos fenômenos naturais. Contudo, parecia-lhe necessário considerar que o estabelecimento completo de uma filosofia natural exigia sua fundamentação na metafísica². Assim, a física deveria ser conciliável com algumas noções fundamentais da metafísica, como as de substância e forças ativas, sem as quais não seria possível explicar os fenômenos em sua totalidade. Para a visão pré-crítica, os âmbitos metafísicos e físicos são compatíveis e coincidentes porque são aspectos fundamentais da mesma estrutura. A natureza deve ser interpretada a partir de dois *aspectos indissociáveis*³, a saber, o componente inteligível-qualitativo e o componente sensível-quantitativo. Com efeito, a partir dessa hipótese, deve-se admitir que substâncias imateriais, forças ativas e almas encerram uma relação próxima com os fenômenos físicos e os corpos materiais. Deve-se aceitar, ademais, a possibilidade de que substâncias materiais e imateriais possam interagir sem problemas,

² Kant deixa claro o papel importante da metafísica em relação à física natural em uma passagem da *Física Monadológica*. “Portanto, a metafísica, que muitos dizem que deve ser evitada no campo da física, é de fato seu único suporte e aquilo que lhe dá luz” (AA, 1:475).

³ Ver os maiores escritos kantianos dos anos de 1750: *História Natural Universal* (1755), *Nova Explicação* (1755) e *Monadologia Física* (1756).

uma vez que são aspectos peculiares de um mundo único. Todavia, esta perspectiva⁴, gradativamente, conduziu Kant a diversas dúvidas e dificuldades. Talvez, a mais relevante delas estivesse ligada ao relacionamento das coisas materiais e imateriais e ao lugar da alma nessa relação⁵.

De fato, devido a este traço característico, a metafísica inicial de Kant colocou os aspectos materiais e imateriais do mundo em incômoda proximidade⁶. Em decorrência disso, apareceram sérias dificuldades em traçar uma linha divisória clara entre coisas materiais e imateriais. Uma forte evidência sobre esta afirmação pode ser verificada em uma citação presente na parte final do ensaio de 1764, intitulado *Investigação sobre a Evidência dos Princípios da Teologia Natural e da Moral* (doravante: *Ensaio Premiado [Preisschrift]*), na qual explicitamente se nota a dificuldade de Kant em estabelecer, em termos claros, a relação entre a natureza da alma e a da matéria. Se por um lado, Kant reconhece que a alma não é idêntica à matéria, por outro, não fecha a possibilidade dela, enquanto substância simples, se vincular, de modo próximo, à composição das coisas materiais.

Eu admito que temos uma boa prova para estabelecer que a alma não é igual à matéria. Mas tomemos cuidado para não inferir que a alma não é de natureza material. Esta última afirmação é

⁴ O monismo ontológico de Kant segundo Schönfeld (2000).

⁵ Ver Schönfeld (2000, p. 242) e Friedman (1992, p. 27).

⁶ Ver Ameriks (1982, p. 29-30), Friedman (1992, p. 28) e Schönfeld (2000).

tomada, geralmente, não para dizer somente que a alma não é material, mas também para dizer que ela, enquanto substância simples, não é do tipo que poderia ser um elemento da matéria. Todavia, isto requer uma prova em especial, que consiste em saber se este ser pensante não existe no espaço em que os elementos corporais existem [...] ⁷ (AA, 2: 243) ⁸.

Esta citação exemplifica, de maneira evidente, as dificuldades oriundas do sistema de filosofia natural assumido anteriormente. Se, por um lado, o modelo newtoniano mostrava-se suficiente para explicar as questões referentes aos fenômenos naturais e empíricos, por outro, a reflexão metafísica encontrava sérias dificuldades em demonstrar o espectro metafísico da natureza e o modo com o qual este se relacionava com os fenômenos empíricos. Sem uma prova mais concreta sobre o mundo imaterial, tornava-se cada vez mais difícil para Kant provar postulados tais como os da *substância*, da *alma*, da

⁷ Segundo Friedman, “Kant está convencido [...] de que substâncias materiais e imateriais realmente interagem e, portanto, estão presentes em um único mundo. [...] substâncias materiais e imateriais estão no espaço [...]. Existe, então, um perigo muito real da distinção entre substâncias materiais e imateriais entrar em colapso completamente.” (1992 p. 27-28).

⁸ Todas as citações de Kant terão como referência a Edição da Academia (*Immanuel Kants gesammelte Schriften*) e seu formato tradicional. Ex: (AA, volume: Página). As traduções do original, em sua maioria, foram feitas por mim. Na maioria das vezes realizadas em comparação com o exemplar em inglês das edições de Cambridge ou outra tradução.

finalidade e da *liberdade*, os conciliando com uma concepção da natureza constituída fundamentalmente por causas mecânicas.

Certamente, Kant tinha esse problema em mente ao apresentar a resposta à pergunta fundamental que perpassa a mesma obra: os princípios da metafísica, em especial, os princípios da teologia natural e moral, podem ter uma prova tão clara e precisa quanto à das verdades da geometria? Diante da questão, Kant demonstrou que, diferente de sua convicção anterior, havia nascido em seu espírito fortes dúvidas sobre a cientificidade dos princípios da metafísica. Neste momento acontece o rompimento de Kant com o procedimento fundamental de seu racionalismo inicial⁹, que, em particular, representava-se no método geométrico e dedutivo. Mesmo que seja observável que nos anos anteriores, Kant insistia em diferenciar o método da matemática e o da metafísica¹⁰, ele ainda argumentava *more geométrico*. Kant fundava as bases de sua argumentação em axiomas e deduzia teoremas específicos deles. No entanto, ele tomou consciência de que inúmeros destes axiomas ou conceitos não estavam claros.

Tornou-se inviável para a metafísica, desse modo, proceder como a matemática, partindo de proposições universais para explicar os casos particulares. É necessário, segundo Kant, estabelecer um novo *método*, segundo o qual a metafísica trilhará o caminho construído pela física e, por isso, procederá

⁹ Ver Beiser (1992, p. 40).

¹⁰ Ver *Monadologia Física*.

analiticamente¹¹. A metafísica deve proceder a partir da análise de um conceito dentro de seus componentes específicos e então gradualmente formar conclusões universais¹². Portanto, a primeira e mais importante regra do método é: “[...] não se deve iniciar com definições [*Erklärungen*] [...], deve-se, ao invés disso, começar cuidadosamente buscando o que é

¹¹ Friedman (1992, p. 21, nota 33) alerta-nos para o fato de que nesse momento, Kant ainda está longe da discussão entre os juízos analíticos e sintéticos do período crítico. Kant está fazendo tão somente uma distinção acerca dos modos pelos quais se pode chegar à definição de conceitos. Há uma discussão particular sobre isso em Menzel (1911, p. 172-184).

¹² De acordo com a doutrina de Newton, como apresentada por Kant na Introdução do *Ensaio Premiado*, o ponto de partida para o método deveria ser as proposições seguras da experiência e as suas consequências. Esta evidência torna atraente a hipótese de que os dados iniciais do método proposto para a metafísica também são juízos empíricos. Fato que fomentaria a tese de que o *Ensaio* é a expressão do empirismo newtoniano. (Ver a hipótese de Vleeschauer [1962, p. 33-37]). Contudo, Friedman (1992, p. 24, nota 38) adverte que “as proposições da experiência” das quais fala Kant não são mais do que resultado de experiências internas seguras. Estas experiências internas estariam menos ligadas à faculdade da sensibilidade responsável pelos juízos empíricos e mais relacionadas com a tradicional noção de “natural luz da razão” ou de “reta razão”. Desse modo, pode-se presumir que os dados iniciais de que trata Kant consistem em proposições metafísicas universalmente aceitáveis e não controversas que, de preferência, sejam estabelecidas mediante o resultado das ciências exatas (1992, p. 24). Esta concepção parece correta como será observável, à frente, na aplicação do método em relação ao problema do espírito em *Sonhos de um Visionário*.

imediatamente certo em um objeto, ainda antes de sua definição” (AA, 2:285).

Kant está consciente de que a “metafísica ainda tem um caminho longo a percorrer antes de proceder sinteticamente. Ela somente conseguirá quando as análises nos ajudarem com os conceitos que são entendidos de forma distinta e com detalhes que possibilitarão à síntese subsumir [*unterordnen*] as cognições compostas sobre as mais simples, como na matemática” (AA, 2:290). Ora, a percepção de que a metafísica tradicional traz consigo um problema é evidente nesse momento, mas Kant parece otimista em relação ao fato de que a reconstrução do método será suficiente para garantir a cientificidade dessa disciplina no futuro¹³ e sua emergência como uma verdadeira *ontologia*, ou seja, como uma ciência, que em sentido propriamente wolffiano, descreve e percebe *essencialmente* aquilo que existe. No entanto, surpreendentemente, Kant não levou adiante seu projeto nesse sentido específico. Ora, pois, percebendo a incapacidade de superar todos os obstáculos metodológicos, Kant sentiu-se paralisado em seu trabalho, abandonando, em 1766, o resquício de otimismo que se direcionava à elaboração de um novo método capaz de estabelecer, na trilha das ciências naturais, a metafísica como uma verdadeira ciência *das coisas em si* e dos aspectos gerais do *mundo inteligível*. O *mundo inteligível* é, propriamente, o tema

¹³ Menzer (1911, p. 172) e Tonelli (1959, p. 65) concordam que Kant no *Ensaio Premiado* vislumbra um estado ideal para a reflexão metafísica no qual todos os seus conceitos serão elucidados afim de que ela proceda sinteticamente.

de investigação do tratado de 1766, *Sonhos de um Visionário*. Ao invés de um diagnóstico positivo sobre a questão, todavia, Kant apresentará, de um modo pouco convencional, uma crítica profunda ao conglomerado de conceitos e raciocínios que, quando voltados à dimensão espiritual, apenas conduz ao disparate. Como a nossa tese deseja destacar, a discussão sobre a natureza do espírito dentro das manifestações naturais e mundanas, evidenciará a inconsistência dos pressupostos iniciais da metafísica de Kant como base das ciências naturais, descritos em suas concepções de *espaço*, *de substâncias ativas* e de *espírito*. Diante disso, será notável a atitude de Kant de abandonar a esperança de se construir uma *ontologia* através de um método sintético viável, como o sugerido no *Ensaio Premiado*, e, ademais, a própria concepção tradicional da metafísica.

3. O PROBLEMA ESPÍRITO- ESPAÇO: A AMEAÇA DO MATERIALISMO

O primeiro capítulo de *Sonhos de um Visionário*, nomeado *Um complicado nó metafísico que se pode desatar ou cortar quando quiser*, é interessante por retomar a importante questão sobre o espírito enunciada, mas não esclarecida, no *Ensaio Premiado* (AA, 2: 243). É importante observar que Kant começará a investigação a partir daquilo que havia sido estabelecido no ensaio de 1764. A nova proposta metodológica exige que toda reflexão metafísica proceda a partir da análise de um conceito e de seus componentes específicos e nunca comece com definições.

A investigação kantiana, desse modo, é inaugurada com a questão sobre “qual conceito devo fazer de um ser espiritual” (AA, 2:319). Ao perguntar-se sobre o sentido do conceito de espírito, Kant observa, por conseguinte, que o sentido do termo é considerado evidente tanto para a filosofia quanto para o senso comum. Uma análise mais profunda, contudo, permite concluir que o conceito carece de significado e não é claro o bastante para se constituir na forma de saber efetivo.

Reunindo-se tudo sobre espíritos que os alunos recitam, a grande massa fala e o filósofo demonstra, então, isso parece constituir uma grande parte do nosso conhecimento. Mesmo assim, ousa afirmar que, se ocorresse a alguém ater-se um pouco à questão, que tipo de coisa é isto de que se acredita conhecer sob o nome de espíritos, ele deixaria esses sabem-tudo [*Vielwisser*] no mais difícil dos embaraços (AA, 2:319).

Os acadêmicos, de um modo geral, utilizaram-se de um palavrório metódico e articulado para tratar o problema que, segundo Kant, é de difícil solução. A definição proposta pelos *novos sábios*¹⁴ da academia era demasiadamente cômoda. Eles desviavam-se das dificuldades ao conceituarem o espírito como uma entidade imaterial dotada de razão. Porém, para Kant, tal definição é muito pouco esclarecedora.

¹⁴ Aqui a crítica dirige-se diretamente à psicologia racional dos wolffianos, mas não deixa de fora os contestadores do sistema de Wolff tais como Crusius.

Em busca de um maior esclarecimento, Kant sugere o procedimento de comparação do “conceito mal entendido com todo tipo de casos da aplicação” (AA, 2: 319). Talvez, tal procedimento pudesse tornar possível o desdobrar de seu sentido oculto. Assim, a problemática do espírito, sugerida no *Ensaio Premiado*, é retomada por Kant através da comparação entre espírito e matéria mediante a possibilidade de sua ocupação *espacial*.

No período pré-crítico, Kant entendia o espaço de uma forma diferente de Newton e de Leibniz¹⁵, embora mais próxima do último. Diferente da concepção newtoniana, o espaço não é concebido como uma realidade absoluta. De outro modo, ele é tomado como

¹⁵ Kant aproxima-se de Leibniz ao admitir o caráter relacional do espaço. Isto é, o espaço não pode ser entendido como “algo” ou “coisa”, mas, de outro modo, é inferido tendo como referência as substâncias. A partir do caráter relacional, Leibniz admite a idealidade do espaço como efeito da coexistência harmônica das mônadas. Desse modo, espaço e tempo não pertencem ao domínio fenomênico. Nas palavras de Leibniz, “[...] o espaço, como o tempo, não é algo substancial, mas algo ideal, que consiste de possibilidade, isto é, a partir da ordem dos possíveis coexistentes em um dado tempo” (Carta a de Voder, 11 de outubro de 1705, GPII, p. 278-279). Por outro lado, Kant, mesmo admitindo que só existe espaço tomando como referência a substância, distancia-se de Leibniz ao admitir sua fenomenalidade. Ou seja, o espaço, na perspectiva inicial de Kant, é fundamentado nas leis dinâmicas de interação que governam as relações externas das substâncias. Desse modo, o caráter relacional do espaço descansa na idéia de que este é um fenômeno totalmente derivado das leis da dinâmica responsáveis pela causalidade entre as substâncias.

um fenômeno consequente da esfera ativa das substâncias, que exercem influência umas em relação às outras, através daquilo que era chamado em sua filosofia natural de força de repulsão. As determinações externas provenientes desta relação mostram o modo através do qual as substâncias preenchem o espaço. Corpos são compostos de partes simples. Estas partes singulares irradiam força partindo de um ponto central gerando um efeito que nos permite identificar certas características externas da ocupação espacial, a saber, a extensão e a impenetrabilidade. Portanto, Kant não tem dificuldades em constatar como os corpos materiais são identificados espacialmente. Eis esta passagem de *Sonhos*

Pegue, por exemplo, um espaço de um pé cúbico [*Kubikfuss*] e suponha a existência de algo que preencha o espaço, isto é, que se oponha à penetração de qualquer outra coisa: ninguém chamará o ser que se encontra neste espaço de espiritual. Seria chamado obviamente material, porque é extenso, impenetrável e, como todo ser corpóreo, submetido à divisibilidade e às leis do choque [*Stosses*] (AA, 2:320).

Em relação ao espaço, as partículas elementares da matéria proporcionam o sinal de sua ocupação mediante aqueles fenômenos observáveis que caracterizam a sua natureza. No entanto, é preciso investigar melhor a possibilidade da manifestação espiritual em relação ao espaço. De fato, Kant não tem a mesma certeza, apresentada em relação às partículas elementares da matéria, sobre a possibilidade das substâncias espirituais serem capazes de se localizar

especialmente. Se substâncias espirituais existem, devem ser concebidas, do mesmo modo que as partículas da matéria, como princípios de força e, com efeito, capazes de apresentar localização espacial. Por isso, Kant tenta responder a pergunta sobre como a localização de uma partícula imaterial simples pode ser verificada. Com este objetivo, ele apresenta duas suposições segundo as quais tal possibilidade pode ser pensada. Na primeira hipótese, Kant sugere que um meio de se imaginar a ocupação espacial das substâncias espirituais seria a possibilidade de haver sua substituição pelas partículas simples da matéria dentro de um todo extenso. Em outras palavras, uma substância espiritual simples deveria ser capaz de ocupar o espaço cúbico sólido na medida em que um elemento simples da matéria se desocupasse de seu espaço para que este pudesse ser preenchido.

Suponha que eu deseje colocar esta substância simples naquele espaço do pé cúbico preenchido com a matéria, um elemento simples terá de desocupar espaço, [...]. [...] para admitir um segundo espírito, terá de perder uma segunda partícula elementar [*Elementartheilchen*] e, assim, finalmente, se assim prosseguir, um pé cúbico de espaço será preenchido por espíritos, cujo amontoado resistirá por impenetrabilidade [...] (AA, 2: 321).

Porém, há um problema a se considerar. Nesse caso, pois, as substâncias espirituais, mesmo contendo qualquer força racional, seriam exteriormente idênticas às partículas materiais. O risco do materialismo leva à consideração de uma segunda suposição. Kant sugere,

então, a possibilidade do espírito apresentar sua manifestação dentro da matéria sem estar submetido às leis materiais ou estar em combinação com o todo sólido. Nesta definição, espíritos seriam “[...] seres que poderiam estar presentes em um espaço preenchido pela matéria, portanto seres que não possuem em si a propriedade da impenetrabilidade” (AA, 2: 321). Segundo Kant, esta seria uma definição mais plausível para o conceito de espírito. No entanto, ela não pode ser aceita do ponto de vista do projeto pré-crítico, pois gera um sério paradoxo. Como estas substâncias não exercem força externa e, tampouco, possuem extensão e impenetrabilidade, nunca podem ser concebidas em relação ao espaço. Sua possibilidade só é plausível imaginando que podem ser geradoras de espaços próprios, o que se traduz em uma conclusão absurda do ponto de vista matemático¹⁶.

Kant encontra-se diante de um problema insolúvel. Para que as substâncias imateriais possam interagir com outras substâncias precisam ocupar lugar no espaço, mas, de acordo com os princípios deste, somente substâncias materiais são capazes de

¹⁶ Esta conclusão é inaceitável do ponto de vista da *Monadologia Física*. Kant, nesta obra, argumenta que em sua hipótese a necessidade geométrica da infinita divisibilidade do espaço é plenamente compatível com a noção da substância simples e indivisível necessária à metafísica. Isso é possível porque o espaço não é uma propriedade inerente à substância, mas, de outro modo, é um fenômeno decorrente do modo como a relação entre as substâncias acontece. Assim, se Kant admitisse que as substâncias comportam em si o espaço, como parece sugerir o problema em *Sonhos*, teria que admitir a possibilidade da infinita divisão das substâncias.

ocupação. Segundo os pressupostos pré-críticos, as leis dinâmicas da interação deveriam ser capazes de explicar não somente a natureza do espaço e sua relação com os corpos materiais, mas também tornar possível a explicação da co-presença e a interação das substâncias no mundo. No entanto, os pressupostos teóricos das leis da dinâmica não foram capazes de explicar a existência das substâncias imateriais no espaço. Isso porque as propriedades do espaço, para Kant, são derivadas completamente das leis fundamentais de interação que governam as substâncias simples, mas estas leis de interação são identificadas com as leis da gravitação, que são entendidas a partir da dedução de um fenômeno, e, portanto, partem de nosso conhecimento empírico. Disso se segue que as propriedades do espaço são inferidas e derivadas de nosso conhecimento empírico das leis da dinâmica¹⁷. Com efeito, pode-se dizer que as substâncias materiais são as únicas que podem se manifestar em relação ao espaço. Assim, admite Kant: “Toda matéria exerce resistência no espaço que ocupa e por isso se chama impenetrável. Que isto acontece, a experiência nos ensina, e a abstração dessa experiência origina em nós também o conceito geral de matéria” (AA, 2: 322). Se retirarmos da matéria esta propriedade não podemos pensá-la de acordo com nossas representações sensíveis e, com efeito, produzir conceitos efetivos a seu respeito.

Desse modo, pode-se dizer que a perspectiva particular de Kant sobre a co-presença e o espaço

¹⁷ Ver a amplitude do problema em Friedman (p. 26-27, 1992).

mediante as leis da dinâmica torna impossível conceber como o espírito ou a alma poderia estar presente na matéria sem realmente ser de natureza material (FRIEDMAN, 1992, p. 28). Em alguma parte de *Sonhos*, Kant admite o problema ao afirmar que “[...] de acordo com os pressupostos recomendados, minha alma não seria diferente, em relação à sua presença no espaço, de qualquer elemento da matéria” (AA, 2: 326). Admite também que não existem justificativas plausíveis que permitam demonstrar “porque minha alma não é uma das substâncias constitutivas da matéria” (AA, 2: 326). Desse modo, pode ser afirmar que, inevitavelmente, os princípios fundamentais de metafísica pré-crítica bem como sua orientação monista levam, de forma consequente, ao materialismo¹⁸ (AA, 2: 327).

4. A INSUFICIÊNCIA DE UMA SOLUÇÃO DUALISTA: A CRÍTICA A DESCARTES

A alternativa, para escapar do materialismo, seria admitir uma solução dualista. No entanto, ela contradiz as noções kantianas referentes ao espaço e, sobretudo, torna inviável imaginar o modo através do qual “uma conexão recíproca” com a matéria pode ser

¹⁸ Segundo os pressupostos do monismo não seria estranho aceitar a estranha afirmação de Leibniz “segundo a qual engolimos talvez no café, átomos destinados a tornarem-se almas humanas Esta é uma conseqüência que deve “assustar o pensador que se encontra em caminho errado” (AA, 2: 327). A conseqüência que Kant deixa implícita é que não é de tudo problemático, em termos filosóficos, conceber a alma humana como material. “No entanto, é prejudicial em termos práticos” (ZAMMITO, 2002, p. 202).

possível, uma vez que suprime “a única forma conhecida de ligação que se dá entre seres materiais” (AA, 2: 322). De fato, o dualismo torna inexplicável como uma entidade imaterial pode causar efeitos na matéria e, de forma contrária, como pode a matéria “causar efeitos em um ser estranho que não lhes opõe impenetrabilidade ou que os impede, de qualquer jeito, de se situarem no mesmo espaço em que está presente” (AA, 2: 328).

Kant vai mais fundo na questão e destaca um conjunto de problemas referentes ao dualismo, atacando diretamente a hipótese cartesiana. Mesmo que o espírito fosse admitido como uma entidade no espaço, seria necessário demonstrar seu lugar no interior do corpo. Kant indaga-se: “onde é o lugar desta alma humana no mundo dos corpos?” (AA, 2: 324). Claramente referindo-se aos pressupostos cartesianos apresentados na *Sexta Meditação* e em *Paixões da Alma*, Kant menciona o postulado segundo o qual nosso eu pensante residiria em um lugar distinto das outras partes do corpo. O problema desta hipótese, como destaca Kant, é que o que observamos na experiência é exatamente o contrário dela. A consciência que temos das coisas que nos circunscrevem não se manifesta em um lugar particular do corpo. A consciência é resultado da atividade dos sentidos. Assim, de acordo com nossa experiência comum: “[...] onde eu sinto, aí eu sou. Eu sou tão imediatamente na ponta dos dedos quanto na cabeça” (AA, 2: 324). Não sentimos nossas impressões em um nervo cerebral específico. Por isso, não é possível concluir que o eu indivisível encontra-se “em

uma região microscopicamente pequena do cérebro” (AA, 2: 325), que movimentada toda a engrenagem do corpo. A experiência a que temos acesso, apoiada na observação de que “minha alma está toda em todo corpo e toda em cada uma das partes” indica-nos a alma somente como “uma esfera da efetividade [*Wirksamkeit*] externa”¹⁹ (AA, 2: 325).

Como se pode constatar, a concepção cartesiana da morada da alma²⁰ é dogmática e incompatível com a experiência a que temos de nosso próprio corpo. Ela é totalmente carente de uma fundamentação científica. Kant argumenta que se a alma do homem situa-se no cérebro, torna-se inexplicável os diversos casos nos

¹⁹ Kant reconhece esta esfera de atividade externa como as manifestações da vida na natureza.

²⁰ A distinção cartesiana entre mente e corpo apresentada, em 1629, nas *Meditationes*, gerou um sério problema em relação à interação. Se mente e corpo são de naturezas distintas, como podem se relacionar? Como é possível a interação entre *Res Extensa* e *Res cogita*? A tentativa de superar o dualismo levou Descartes a uma inevitável tentativa de construir uma hipótese sobre a localização da alma no corpo. No *Tratado do Homem*, de 1637, Descartes supôs que a morada da alma encontra-se na glândula pineal. Ele entendeu que esta glândula está suspensa no meio dos ventrículos, tendo como seu conteúdo espíritos animais, que são fluídos ou, nas palavras cartesianas, ventos muito finos que fazem o intercâmbio entre as sensações e as representações da alma. Existem fibras que conectam os órgãos dos sentidos com pequenas válvulas nos arredores dos ventrículos cerebrais, que se movimentam quando os órgãos dos sentidos são estimulados. Com este movimento, as fibras dos nervos são pressionadas, abrindo algumas válvulas que liberam alguns destes fluídos espirituais que, com efeito, geram imagens de baixa pressão do estímulo sensorial na superfície da glândula pineal.

quais ferimentos nesta região não provocam a perda de pensamentos ou da consciência. De acordo com a perspectiva mencionada, “teria bastado remover um átomo dele ou ser deslocado da posição, para que o homem perdesse instantaneamente a alma” (AA, 2: 326). Não existe, desse modo, uma explicação científica na qual a teoria cartesiana possa se apoiar. A compreensão de que o cérebro é a morada do eu pensante, na avaliação de Kant, parece advir de um engano que tem origem nas experiências reflexivas e na meditação. Estas atividades geralmente são comandadas por sinais gerados pela audição ou pela visão. Os órgãos que geram estes sentidos se encontram mais próximos do cérebro e são responsáveis por criarem a ilusão de que o eu-pensante ou a alma se situa neste lugar. Em contraste a isso, pode-se observar que outras atividades geram sensações que parecem ter origem em pontos diferentes do corpo. “No medo ou na alegria a sensação parece ter sua sede no coração. Muitas emoções ou mesmo a maioria delas expressam sua maior força no diafragma. A compaixão comove as entranhas e outros instintos expressam sua origem e sensibilidade em outros órgãos (AA, 2: 326).

Além disso, Descartes não supôs as consequências inconvenientes, em termos fisiológicos, de seu modo de compreender a relação entre a alma e o sistema nervoso. Ele compreendeu que a alma situa-se em algum lugar do cérebro. Ela, dessa forma, é concebida como uma “aranha no centro de sua teia. Os nervos do cérebro a empurram ou a sacodem. Com isso fazem com que seja representada não a impressão imediata, mas

aquela que ocorre em partes afastadas do corpo” (AA, 2: 326). Kant acredita que se a representação das impressões sensíveis na alma, chamadas de *ideae materiales*, fosse possível, provocaria a saturação ou a fadiga das atividades cerebrais. Uma vez que as impressões geram sinais que são representados na alma através das atividades nervosas do cérebro, o sistema nervoso se encontraria em dificuldades ao assimilar os diversos sinais simultâneos de experiências distintas do corpo, tal como os pensamentos e as emoções.

5. As consequências do problema para a concepção de metafísica de Kant

Do ponto de vista teórico, as conclusões inaceitáveis, às quais os problemas da psicologia racional enredavam, levaram Kant à percepção da incoerência e da inconsistência dos fundamentos de sua reflexão inicial. As leis dinâmicas mostraram-se incapazes de legitimar a ligação entre os dois aspectos da natureza com os quais os postulados da investigação pré-crítica estavam preocupados. De fato, Kant falhou na tentativa de provar a ideia fundamental de sua reflexão, a saber, como os âmbitos físicos e metafísicos representados nas noções de substâncias materiais e imateriais poderiam coexistir dentro da natureza. Devido às enormes dificuldades teóricas, o projeto teve que ser abortado. A partir das evidências apresentadas, torna-se possível supor que *Sonhos de um Visionário* é a representação do momento em que tal problema se tornou incontornável, legitimando, por parte de Kant, o abandono dos fundamentos de sua metafísica inicial.

Mas, se esta hipótese está correta, o que significa a *Dissertação* de 1770, intitulada *Sobre a Forma e Princípios do Mundo Sensível e Inteligível*? Este trabalho mostra-nos Kant novamente assumindo a metafísica do suprassensível e, particularmente, a concepção de um reino subjacente de mônadas como certo tipo de realidade mediante a qual o mundo sensível se reflete. (FRIEDMAN, 1992, p. 34). Por mais que esta seja a tendência, *não* devemos interpretar este momento como um período de “uma parcial reconciliação”²¹, no qual Kant “volta para a metafísica na crença de que poderia proporcionar-lhe uma fundação firme” (BEISER, 1992, p. 26). Tal acontecimento assemelha-se mais com o insistente retorno de uma velha reminiscência do que com uma reconciliação real. De fato, na *Dissertação*, Kant vai abrir a possibilidade de um uso real do entendimento responsável por alcançar o conhecimento das coisas como elas são em si. No entanto, com o abandono da concepção de que o espaço, tempo e o mundo dos fenômenos são instâncias derivadas das relações externas das mônadas, ou seja, das leis dinâmicas, torna-se totalmente obscuro o modo como pode uma conexão com o mundo inteligível ser possível. Mais especificamente, uma vez que o conhecimento de objetos acontece através de uma faculdade sensível que traz como condição as intuições do espaço e do tempo (FRIEDMAN, p. 35), não há um meio de mostrar como a faculdade do entendimento pode representar o mundo inteligível. A carta para Marcus Herz de 1772

²¹ Como Beiser (1992) considera.

apresenta-se como uma prova da clara consciência de Kant do equívoco de tentar reabilitar o conhecimento de objetos que não são dados na sensibilidade. (AA, 10:130.33-131.5). Assim, torna-se plausível aceitar que o deslize kantiano na *Dissertação* não representa a vivacidade das antigas concepções kantianas acerca da metafísica.

Sonhos de um Visionário não marcou apenas o abandono de Kant em relação ao seu projeto anterior, mas também representou o fim das esperanças de que a clareza e a distinção dos axiomas gerais da metafísica fossem alcançadas no futuro, por meio do método analítico, e que os axiomas fossem estabelecidos como referência de uma ciência rigorosa como a matemática e uma ontologia. O método analítico não é eficiente em relação às questões mais gerais da metafísica porque os *pretensos* conteúdos dela são de natureza muito diferente daqueles utilizados pela física e, assim, de modo algum, poderão alcançar um conhecimento universal que possa ser representado em *concreto*, como na matemática²². Contudo, essa posição não invalida a relevância do método analítico no desenvolvimento do pensamento teórico de Kant. De fato, o método analítico, na medida em que substituiu o ponto de

²² A matemática e principalmente a geometria mantém uma similaridade entre seus sinais e coisas designadas *in concreto* (FRIEDMAN, 1992, p.29-30), porém, os conceitos da metafísica não são claros e sua existência está envolta em dúvidas. Como representar conceitos que não se relacionam com algo empírico? Kant mostrou que não é possível representar os conceitos da metafísica a menos que sejam de natureza empírica.

referência da investigação filosófica pela psicologia empírica (experiência interna) e a cosmologia (experiência externa) – em detrimento dos antigos paradigmas da ontologia, psicologia e teologia racional – foi importante para a vindoura reformulação epistemológica do conceito de metafísica, que caracterizaria a reflexão crítica²³. Todavia, foi a aplicação do método, em relação ao conceito de espírito – na investigação do primeiro capítulo de *Sonhos*, que auxiliou Kant a perceber a existência de um problema maior no campo da metafísica, que não concernia, propriamente, ao método. Alcançar a realidade de seus axiomas é um empreendimento impossível, porque o problema não está no método, mas na própria estrutura do conceito de metafísica ensinado pelas universidades alemãs e, antes disso, por toda tradição filosófica. Em 1766, Kant ainda não tinha plena consciência de que se tratava de um problema estrutural e não metodológico, mas o fracasso de seu projeto inicial foi uma forte indicação de que existia a necessidade de uma revisão profunda da disciplina em questão.

Ainda sem uma resposta, Kant assumiu uma perspectiva cética e empirista passageira, proclamando a inviabilidade da metafísica entendida como uma investigação que “espia com a razão as propriedades ocultas das coisas” (AA, 2:367). Ao mesmo tempo, ele indicou o único uso viável para ela, que consiste em demarcar seus próprios limites. A função de “uma ciência dos limites da razão humana consiste em ver

²³ Ver a tese intitulada *Conceito e Crítica: estudo sobre a gênese do conceitualismo kantiano* de Joãozinho Beckenkamp.

se a tarefa oriunda daquilo que se quer saber é de fato determinada e que relação a questão tem com os conceitos empíricos, nos quais sempre têm de se basear todos os nossos juízos” (AA, 2:367). Dessa maneira, a metafísica sustenta somente uma função negativa que se constitui na tarefa de demarcar os limites do entendimento. Por sua vez, o entendimento deve concentrar-se nos objetos cabíveis a ele, a saber, os objetos da natureza. O diagnóstico sobre a metafísica também é o da psicologia racional. Então, nas palavras do próprio Kant em relação à doutrina do espírito:

Elas pode ser completa, em sentido negativo, na medida em que ela fixa com segurança os limites de nossa compreensão [...], a natureza espiritual, que não se conhece, mas apenas se supõe, nunca poderá ser pensada de forma positiva, porque não se encontra, para tanto, nenhum dado no todo de nossas sensações. Sobre elas, devemos nos contentar com negações [...]. Eu espero poder aplicar minha pequena capacidade de entendimento de forma mais vantajosa aos demais objetos. É em grande parte inútil querer estender a pequena medida de sua força a todo tipo de projetos levianos. Por isso, [...] a prudência manda adequar o tamanho dos projetos às forças disponíveis, e, caso não se possa atingir plenamente o grandioso, limitar-se ao mediano (AA, 2:352).

Mas, se a redefinição do conceito de metafísica em Sonhos pode ser considerada um instante peculiar, é importante admitir que a formulação do problema *crítico*, em toda sua extensão, ainda se encontra

distante nesse momento. *Sonhos* não traz nenhuma sugestão de uma re colocação do problema da razão pura teórica além do aspecto negativo da limitação da razão à experiência²⁴. Mas, se não há qualquer definição positiva em relação ao problema da metafísica teórica,

²⁴ No entanto, deve-se admitir que importantes *insights* surgiram progressivamente. Em 1768, no ensaio intitulado *Sobre os Primeiros Fundamentos da Distinção das Regiões no Espaço*, Kant é obrigado a reconhecer a autonomia do espaço, de modo absoluto, não no sentido newtoniano - como um objeto exterior - mas como “um conceito fundamental, que faz tudo isso possível” (AA, 2:383). Esta mudança foi necessária devido aos complexos problemas anteriores. Segundo a teoria relacional do espaço de Kant, as propriedades do espaço são derivadas das leis dinâmicas de interação. Esta hipótese traz outro grande problema (além do já exposto em relação ao espírito), pois dela se segue que o conhecimento das propriedades fundamentais do espaço tem o mesmo status do conhecimento das leis fundamentais de interação. Esta, porém, só é conhecida através da lei da gravitação universal que é deduzida empiricamente do fenômeno. Com efeito, deve-se assumir que as propriedades do espaço como continuidade e tridimensionalidade devem ser igualmente empíricas. Isso torna inexplicável como essas propriedades poderiam ser determinadas a priori pela geometria pura, pois o conhecimento dessas propriedades deve derivar do conhecimento empírico das leis da interação. A hipótese de Kant submete as leis da geometria às leis da experiência (FRIEDMAN, p. 26-27, 1992). Assim, Segundo Friedman, há a necessidade de uma reformulação da perspectiva sobre o espaço para que este esteja de acordo com as regras da geometria. Por isso, Kant, no ensaio mencionado, rejeita a característica relacional do espaço e promove a abertura para uma nova compreensão, a saber, a doutrina do espaço enquanto forma “autônoma” da intuição sensível, como apresentada na *Dissertação* de 1770.

devemos entender que a importância de *Sonhos* para o pensamento de Kant não se esgota nessa questão, pois, além disso, o tratado torna possível vislumbrar a emergência de novos *insights* em direção a uma fundamentação de uma metafísica de outro tipo, em sentido positivo, baseada nos problemas morais²⁵.

²⁵ Este será o assunto de um segundo artigo sobre a relevância de *Sonhos* para o pensamento de Kant.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PRIMÁRIA

DESCARTES, René. *The Passions of the Soul*. Trad. Stephen Voss. Indianapolis: Hackett, 1989.

KANT, Immanuel. *The Cambridge Edition of the Works of Immanuel Kant, Vol. 13 - Philosophical Correspondence 1759–99*. Trad. Arnulf Zweig. Chicago: Cambridge University of Chicago Press, 2007.

_____. *Escritos Pré-Críticos*. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

_____. *The Cambridge Edition of the Works of Immanuel Kant, Vol. 1 - Theoretical Philosophy, 1755–1770*. Trad. D. Walfort e R. Meerbote. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

_____. *Immanuel Kants gesammelte Schriften*. Edit. Akademie der Wissenschaften. Berlin: Reimer (later DeGruyter), 1910.

LEIBNIZ, Gottfried W. *The Leibniz-Clarke Correspondence*. Trad. H.G Alexander. Manchester: Manchester University Press, 1998.

_____. *Discourse on Metaphysics and other Writings*. Trad. D. Garber e R. Ariew.

Indianapolis: Hackett, 1991.

_____. *Monadologia*. Trad. M. Chauí. São Paulo: Abril S.A Cultural, 1979. Os pensadores.

NEWTON, Isaac. *Mathematical Principles of Natural Philosophy and His System of the World*. 2 vols. Trad. A. Motte. Los Angeles: University of California Press, 1962.

SECUNDÁRIA

AMERIKS, Karl. *Kant's Theory of Mind*. Oxford: Clarendon Press, 1982.

ARAÚJO, Saulo F. "The Question of Empirical Psychology in the Pre-Critical Period: A Case for Discontinuity in Kant's Thought". Proceedings of the 11th International Kant Congress. Berlin:deGruyte (no prelo).

BECK, Lewis. *Early German Philosophy. Kant and His Predecessors*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1969.

BECKENKAMP, Joãozinho. *Conceito e Crítica: estudo sobre a gênese do conceitualismo kantiano*. Tese, Campinas: Unicamp, 1999.

BEISER, Frederick C. *Moral Faith and the Highest Good. The Cambridge Companion to Kant and Modern Philosophy*. United Kingdom: Cambridge University Press, p. 588-630, 2007.

_____. *Kant's Intellectual Development. The Cambridge Companion to Kant. United Kingdom: Cambridge University Press, p.26-57, 1992.*

CASSIRER, Ernst. *Kant, Vida Y Doctrina*. Trad. Wenceslao Roces. Mexico: Fondo de Cultura, 2003.

FRIEDMAN, Michael. *Kant and the Exact Sciences*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1992.

KUEHN, Manfred. *Kant: a biography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

LAYWINE, Alison. *Physical Influx and the Origins of the Critical Philosophy*. Dissertação Ph. D. Chicago: University of Chicago, 1991.

MENZER, Paul. Die Stellung der Mathematik in Kants vorkritischer Philosophie. *Kant-studien* 16, p.139-213, 1911.

SCHÖNFELD, Martin. *The Philosophy of the Young Kant: the pre-critical project*. New York: Oxford University Press, 2000.

SHELL, Susan Meld. *The Embodiment of Reason: Kant on Spirit, Generation, and Community*. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

SVARE, Helge. *Body and Practice in Kant (Studies in german idealism)*. Netherlands: Springer, 2006

TONELLI, Giorgio. *The Development of Kantian Thought*. Trad. A. R. C. Duncan. London: Nelson, 1962.

TONELLI, Giorgio. Der Streit über die Mathematische Methode in der Philosophie in der ersten Hälfte des 18 Jahrhunderts in die Entstehung von Kants Schrift über die Deutlichkeit, *Archive für Philosophie* 9, p.37-66, 1959.

WATKINS, Eric. *Kant and the Metaphysics of Causality*. New York: Cambridge University Press, 2005.

_____. Kant's Theory of Physical Influx. *Archiv für Geschichte der Philosophie*. v. 77. Berlin: de Gruyter, p.285-324, 1995.

VLEESCHAUWER, Herman. *La Evolución del Pensamiento Kantiano*. Trad. Ricardo Guerra. Mexico: Universidad Nacional Autónoma de México, 1962.

CUNHA, BRUNO LEONARDO. **As CONSEQUÊNCIAS DE SONHOS DE UM VISIONÁRIO PARA A CONCEPÇÃO KANTIANA DA METAFÍSICA: O PROBLEMA DO ESPÍRITO E SUAS IMPLICAÇÕES NO PERÍODO PRÉ-CRÍTICO.** P. 69-100.

ZAMMITO, John. *Kant, Herder, and Birthday of Anthropology*. Chicago: The University of Chicago Press, 2002.